

Breve análise interpretativa da obra

A Vontade de Saber

de Michel Foucault

Trabalho realizado por Pedro Fonseca,

Área C

Para o professor NUNO NABAIS

na cadeira de EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.

Apresentado em 28/9/98

1. Introdução

Quais as teses principais da *Vontade de Saber*? Poderíamos dizer que são três: *i*) Apresentar uma história da sexualidade dos últimos três séculos na qual, se houve uma repressão do vocabulário sobre o sexo, se assistiu, por outro lado, à proliferação de discursos que viriam a culminar na criação de uma *scientia sexualis*, que progressivamente diversifica, estigmatiza e implanta as formas ‘polimorfas’ da sexualidade, culminado, nos fins do séc. XVIII, com a criação da ‘sexualidade’ e, no séc. XIX, do ‘sexo’. *ii*) Desenvolver uma nova noção de poder cuja face aceitável é a repressão mas que se realiza sobretudo por um incitamento disfarçado; um poder cujo ponto de apoio ultrapassa a instituição e se forma a partir de um jogo (infinitamente) complexo de vontades (‘forças’) que se opõem. *iii*) Mostrar como a tentativa de libertar o sexo de uma aparente repressão social é a forma visível de um mecanismo de poder que serve para nos enredar (sistematicamente) nas malhas do poder (e paralelamente que a forma de libertação desses mecanismos de poder consiste, não em nos libertarmos da repressão do sexo mas da ideia que fazemos do sexo).

Se é sobretudo esta nova formulação do poder que irá atrair a atenção dos comentadores e se ela é por vezes compreendida pelo próprio Foucault como a parte mais importante deste livro,¹ ela não é, parece-nos, mesmo assim, o pressuposto básico que atravessa, possibilita e justifica todas estas conclusões. Pensamos que a ideia central do livro é outra, paralela à da *História da Loucura*. É que a história da tentativa de criar uma verdade do sexo, uma *scientia sexualis*, que traria consigo não só a necessidade de falar sobre o sexo mas de catalogar todas as suas variações – especialmente as mais raras e tenebrosas, separando cuidadosamente as perversões patológicas do sexo são e normal – não é a história da descoberta da natureza milenar do homem e da criação de uma ciência segura sobre as nossas ansiedades e fraquezas. Não se trata da descoberta da natureza humana mas da sua fabricação. Não se trata de descobrir uma verdade mas de criar o lugar e os interlocutores onde esses discursos sejam considerados verdadeiros.² Neste sentido a selecção dos discursos verdadeiros,

¹ Cf. *Dits et écrits*, vol. III, p.231

² É claro que, para Foucault, a verdade, mesmo a científica, é fruto, não tanto da descoberta inédita, do génio ou da intuição definitiva, mas de uma estrutura de poder que engloba e especifica os interlocutores e os discursos autorizados. É dentro dessa *episteme* ou (a partir de *A Vontade de Saber*) desse *dispositivo* que faz sentido falar de verdade. Daí a relação entre poder e verdade: “A verdade está

dos seus autores e dos lugares em que eram proferidos, depende do modo como servem a complexa teia de poderes da época que assim não só determinam o verdadeiro e o falso segundo o interesse dominante mas são uma fonte de criação do próprio homem enquanto sujeito desse conhecimento e em que tantos se identificam.³

É à descrição mais detalhada deste projecto que em seguida nos vamos dedicar.

circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.” *Microfísica do Poder*, p.14, cf. também p.12. Uma relação que determina fortemente a direcção do discurso de Foucault. É por isso que, quando discute as relações entre a *scientia sexualis* e a ‘normatividade científica geral’ (*A Vontade de Saber*, p.59), Foucault se recusa a analisá-las como se a primeira não tivesse alcançado a perfeição da segunda. Não se trata de uma ‘deficiência’ da primeira em relação à segunda mas de uma ‘sobrecarga, reduplicação ... entre duas modalidades de produção do verdadeiro’ (Op.cit. p. 69)

³ Está aqui claramente presente a metodologia da análise do discurso exposta nas obras *As Palavras e as Coisas*, *Arqueologia do Saber* e a *Ordem do Discurso*, embora alterada porque, como Foucault indica, a concepção de poder aí presente é puramente negativa, o que contrasta e com a noção de ‘biopoder’ apresentado pela primeira vez em *A Vontade de Saber* e interfere com a metodologia. Cf. *Dits et écrits*, vol. III, pp.228-229.

2. Plano da Obra

A Vontade de Saber deveria ter sido o primeiro de seis volumes sobre a história da sexualidade. O próprio Foucault considera que esta é uma obra de ‘introdução’ que serve apenas para ‘fixar o método’,⁴ chega mesmo a afirmar que:

“Esse livro não pretende demonstrar [*est sans fonction démonstrative*]. Ele é como o prelúdio, para explorar o teclado e esboçar um pouco os temas e ver como as pessoas vão reagir, aonde vão parar os críticos, aonde vão estar as incompreensões, as cóleras: é para tornar os outros volumes, de uma certa forma, permeáveis a todas essas reacções que eu escrevi este primeiro volume.”⁵

A obra está dividida em cinco capítulos. No **primeiro capítulo**, à imagem do que acontece em *Vigiar e Punir*,⁶ Foucault apresenta-nos aquilo que seria a tese normal sobre a história da nossa sexualidade: desde o séc. XVI que a Europa foi sujeita a um período de repressão que só lentamente e dificilmente tem sido posto em causa – dado ‘o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade’⁷ através dos discursos libertadores, por exemplo, da psicanálise. A isto chama Foucault a ‘hipótese repressiva’ acerca da qual Foucault coloca três questões:⁸ se a repressão é historicamente evidente, se o poder se exerce primordialmente através dela e se o discurso que a afirma e a critica, será de facto contra o poder ou um seu prolongamento.

É esta ‘hipótese repressiva’ que, curiosamente, aparece como o título do **segundo capítulo**, onde se trata precisamente de a negar. Neste segundo capítulo podemos recolher alguns elementos históricos que permitem a Foucault afirmar duas coisas: que houve a partir do séc. XVI uma multiplicação e não uma interdição dos discursos sobre o sexo e, por outro lado, que a diversidade das práticas sexuais foram, não tanto uma descoberta mas uma ‘implantação’ da diversidade sexual através da autoridade do discurso sexual ‘científico’.⁹ Assim, afirma Foucault em relação aos exibicionistas,

⁴ Op.cit., p.258.

⁵ *Dits et écrits*, p.236.

⁶ Cf. ??

⁷ *A Vontade de Saber*, p.11.

⁸ Simétricas ao que considerámos ser as três teses de Foucault.

⁹ Embora não seja inteiramente claro que essa seja uma evidência histórica. Aquilo que Foucault mostra claramente é que as primeiras ciências da sexualidade classificaram o comportamento sexual de

fetichistas, zoófilos, zooerastas, autonomossexualistas, mixoscópios, ginecotomastas, presbíofilos, etc.

“A mecânica do poder que persegue toda esta variedade não pretende suprimi-la senão atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: ela enfia-a nos corpos, fá-la deslizar para debaixo dos comportamentos, faz dela um princípio de classificação e de inteligibilidade, constitui-a como razão de ser e ordem natural da desordem. Exclusão dessas mil e uma sexualidades aberrantes? Não, mas especificação, solidificação regional de cada uma. Trata-se, disseminando-as, de as semear no real e de as incorporar no indivíduo.”¹⁰

No **terceiro capítulo** Foucault passa a apresentar a parte mais difícil do seu trabalho:¹¹ mostrar que esta diversidade nos discursos e classificações não corresponde a um desejo de reprimir a sexualidade mas de a explorar, consolidar nos corpos e controlar. Paralelamente Foucault mostra também que esse movimento de desenvolvimento e controlo da sexualidade tem a sua origem na confissão cristã. Não é portanto Freud que irá inaugurar um novo período onde o sexo assume um papel primordial. Pelo contrário assistimos a essa linha de desenvolvimento que culmina na criação de uma *scientia sexualis* ‘pelo menos desde a Idade Média’;¹² uma linha que se desenvolve sem rupturas com a disseminação da confissão no séc. XVI¹³ e com a adaptação da confissão às ‘formas científicas’ da psicanálise.¹⁴

Em todo o caso Foucault acaba o terceiro capítulo questionando as suas próprias teses:

“Será tudo isto uma ilusão? Uma impressão apressada atrás da qual um olhar mais cuidadoso encontraria efectivamente a grande mecânica conhecida da repressão?... Irá responder – ou deveria responder – o inquérito histórico. ... Talvez estas análises históricas acabem por dissipar o que este primeiro percurso parece sugerir.”¹⁵

acordo com um grande número de categorias e as julgaram de acordo com os preceitos morais do seu tempo.

¹⁰ *A Vontade de Saber*, pp.47-48.

¹¹ Já que, apesar da multiplicação dos discursos e das classificações do sexo, não “deixa de ser certo que tudo isso parece ter desempenhado essencialmente um papel de defesa.” *A Vontade de Saber*, p.57. Ou seja, não ficaram claras as relações de (in)compatibilidade entre a tese de Foucault e a hipótese repressiva. Como mostraremos mais tarde este capítulo também não consegue esclarecer adequadamente a forma exacta dessas relações.

¹² *A Vontade de Saber*, p.62.

¹³ V. *A Vontade de Saber*, pp.63-64, 72. Em relação à disseminação científica v. p.68.

¹⁴ Cf. op.cit., pp.69-71.

¹⁵ Op.cit., p.76.

O **quarto capítulo** tem a peculiaridade de definir as linhas de investigação deste inquérito histórico, que deveria ter sido feito, que foi feito, mas que não foi publicado.¹⁶ Apesar disso este capítulo é um dos mais importantes deste livro de Foucault já que é aqui definida a sua nova concepção de poder (ponto 2) por oposição à concepção tradicional ‘que não teria mais do que o poder do «não»’.¹⁷ Trataremos este tema mais tarde, note-se no entanto que se é nos primeiros dois pontos deste capítulo que se joga a noção de poder jurídico e se apresenta a nova concepção de poder, é só no princípio do capítulo seguinte que aparecem os termos ‘biopoder’ e ‘biopolítica’.

Os últimos dois pontos têm muito em comum com o último capítulo do livro. Embora se trate, no capítulo 4, de estabelecer uma metodologia e um objecto de investigação futura, Foucault aproveita para estabelecer algumas teses, neste caso, históricas. Assim, no terceiro ponto, a propósito da delimitação do objecto de estudo Foucault vai analisar o modo como o ‘dispositivo da sexualidade’ apareceu e se desenvolveu nas sociedades ocidentais. O objectivo é contrastá-lo com outro dispositivo – esse presente em todas as sociedades – o da ‘aliança’. E mostrar o modo como eles se articularam em sucessivas etapas (note-se para já que a sexualidade como dispositivo se forma a partir do dispositivo da ‘aliança’, depois conjuga-se com ele através das quatro técnicas que incidem sobre a família, e finalmente se torna a sua base, com a psicanálise, através da teoria do incesto, num momento posterior) e o papel central que a família desempenha em todas elas.

No ponto quatro Foucault vai apresentar, além e a propósito da periodização, a tese de que ‘existe uma sexualidade burguesa, que existem sexualidades de classe.’¹⁸ Esta tese fundamenta-se no modo como foi implantado o dispositivo da sexualidade: primeiro na classe burguesa, e só depois no ‘proletariado’ e com finalidades opostas: auto-afirmação da burguesia, forma de controlo do proletariado.

¹⁶ Aparentemente foram escritos quatro volumes da história da sexualidade dos quais só três foram publicados. Apesar de aquele que seria o segundo volume ter sido o segundo a ser escrito foi o último a ser revisto e a doença de Foucault impediu-o de fazer as revisões finais, afinal necessárias à publicação. Este segundo volume, que seria a análise histórica do cristianismo para que este primeiro volume constantemente remete, e que foi sendo sistematicamente reelaborado ao longo de oito anos, está, paradoxalmente fora do nosso alcance. Cf.

¹⁷ Op.cit., p.89

¹⁸ Op.cit., p.130.

No **último capítulo** trata-se fundamentalmente de mostrar ‘a importância assumida pelo sexo como valor político’ e de mostrar as funções que o poder lhe atribuiu.¹⁹ As duas ideias principais que permitem mostrar a importância política do sexo são, por um lado, a formulação do poder como ‘biopoder’ – onde ‘o poder fala da sexualidade e à sexualidade’²⁰ e a sua actuação a dois níveis: individual e colectivo. Ora o sexo está precisamente na encruzilhada entre os dois, ele ‘é simultaneamente acesso à vida do corpo e da espécie.’²¹

¹⁹ Op.cit. p.147.

²⁰ Op.cit., p.149.

²¹ Op.cit., p.148.

3. Análise histórica

Este livro não é o mais indicado para fazer uma crítica epistemológica do pensamento de Foucault, sobretudo porque é apenas a apresentação de uma proposta de investigação histórica. Se não foi feito esse ‘inquérito histórico’ como podemos avaliar as suas afirmações sem concluir que elas não passam de hipóteses de trabalho? Por outro lado, há, inquestionavelmente, já aqui, um grande trabalho de investigação; o que tentaremos fazer de seguida é, por um lado, analisar os pressupostos mais teóricos e especulativos (como uma certa concepção de poder e de saber) separadamente dos factos históricos que são (o impulso e) a justificação – pelo menos da autoridade – de tudo o resto.

Analisaremos portanto, agora com mais algum detalhe, os capítulos 3 e 5, e o primeiro ponto do capítulo 2 e os últimos dois pontos do capítulo 4. Como eles se sobrepõem muitas vezes utilizaremos a periodização feita no ponto quatro do capítulo quatro e analisaremos comparativamente as passagens relevantes.

Parece-nos que a evidência histórica que Foucault utiliza para defender a sua tese principal – a sexualidade como forma de poder – é apoiada por uma análise histórica que se processa a partir de três linhas principais: o desenvolvimento da confissão cristã a partir do século XIII,²² a multiplicação de um certo tipo de discursos sobre a sexualidade (acompanhada pela redução do vocabulário autorizado) a partir do séc. XVIII,²³ e, na mesma altura, a mudança de objectivos do poder cuja actuação procede cada vez mais em linhas ligadas à ‘proliferação’ e ‘reforço’ da espécie²⁴ – a criação do ‘biopoder’.

²² Foucault, remete esse começo ‘pelo menos’ ao Concílio de Latrão de 1215. V. p.62 e 119.

²³ Op.cit., pp.21-22. Sobre a época em que esta proliferação ocorre v. as informações um pouco contraditórias nas pp. 34, 36, 107, 119 e 154. Por exemplo na p.154 Foucault afirma “Ao longo das grandes linhas pelas quais se desenvolveu o dispositivo de sexualidade desde o século XIX, ...” enquanto que na p. 107 lemos “parece que se pode distinguir, a partir do século XVIII, quatro grandes conjuntos estratégicos ... [histerização da mulher, etc.]”. Note-se ainda que Foucault afirma mais tarde que a técnica da perversão só aparece “no fim do séc. XIX” (p.124). Quanto às disparidades entre as datas em que se começa a desenvolver o dispositivo da sexualidade, isso deve-se provavelmente ao facto de a sua implantação se ter dado primeiro na burguesia e só depois se ter generalizado a sua aplicação.

²⁴ Cf. p.149.

3.1. A confissão

A confissão, na exposição de Foucault, desempenha um papel catalisador, quer porque é na prática da confissão religiosa que se encontram os primeiros sinais de uma atenção aos prazeres do sexo,²⁵ quer porque é principalmente através da utilização dos métodos da confissão ‘científica’ que o dispositivo da sexualidade aprofunda a sua autoridade e se dissemina. Uma autoridade que deriva, já na confissão cristã, do estatuto de quem ouve

“que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, a impõe, a aprecia, e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar”. (p.66)

Ora, através da cientifização da confissão, a autoridade do ouvinte intensifica-se, não se trata agora apenas de ouvir a verdade e a julgar, mas de constituir a própria verdade a partir do discurso de quem se confessa. Porque, como Foucault afirma, a confissão passa agora a ser considerada como o sinal de uma verdade que precisa de ser interpretada para se revelar, que escapa a quem se confessa. Por isso o médico tem sobre o paciente uma nova autoridade que lhe advém de conhecer o paciente melhor do que ele próprio:

“se é preciso confessar não é apenas porque aquele a quem se confessa teria o poder de perdoar, de consolar e de dirigir ... o seu poder ... é o de constituir, através dela [confissão] e descodificando-a, um discurso de verdade” (pp. 70-71)

Constituiu-se assim “a verdade do indivíduo no outro que sabe, o saber nele do que não sabe por si próprio”. (p.74) Ora esta noção de que havia uma verdade escondida que era preciso revelar e interpretar deu ao sexo a importância central que tem hoje. Tanto na confissão cristã como na médica, a simples revelação da verdade tem o poder de curar.²⁶

²⁵ Foucault traça três períodos principais no desenvolvimento da confissão cristã. O primeiro começa com a difusão da confissão a todos os fieis (pelo menos uma vez por ano) a partir do ‘Concílio de Latrão’. Nesta fase a confissão esta ainda centrada no discurso sobre os comportamentos e os factos e preocupava-se sobretudo em interdizer certas práticas (posições sexuais) ou a altura em que eram feitas (durante os períodos de abstinência). Com o concílio de Trento (segunda metade do séc. XVI) aplica-se a todos o fieis um novo método de confissão já aplicado nos ‘místicos e ascetas’ (p.23), que se centra já não tanto nos actos mas nas sensações. Procura-se tudo o que possa estar envolvido no sexo ‘pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos conjuntos do corpo e da alma’ (p.23). Finalmente, parafraseando Foucault, (cf. p.63) assistimos então a uma proliferação generalizada da confissão: as pessoas confessam-se a si próprias, na escrita, nas relações amorosas, na família, em público e em privado, aos médicos, aos pedagogos, etc.

²⁶ Cf. pp. 66 e 71.

Assim, achamos que o sexo está cheio de mistérios e que falando sobre ele descobrimos a nossa própria verdade. Por isso ‘alguns alugaram até os seus ouvidos’ (p.13).

“Evocam-se muitas vezes os numerosos processos pelos quais o cristianismo antigo nos terá feito detestar o corpo; mas pensemos um pouco em todas aquelas astúcias pelas quais, há vários séculos, nos fizeram amar o sexo, pelas quais nos tornaram desejável o seu conhecimento, precioso tudo o que dele se diz; pelas quais nos incitaram também a utilizar todas as nossas habilidades para o surpreender, e nos amarraram ao dever de extrair a sua verdade; pelas quais nos culpabilizaram por durante tanto tempo o termos menosprezado.” (p.161)

Mas é preciso, pôr não só o sexo a nu, mas, porque a verdade afinal não aparece, inventar toda uma repressão, uma mentira, que afastaria de nós o sexo e a verdade. Lutar contra a repressão seria assim permitir que a verdade exista no sexo, embora reprimida e escondida, mas também constitui, para aquele uma luta pela verdade e pela liberdade.

Este fenómeno é importante porque é uma forma constante de nos sujeitarmos à verdade do sexo. Porque, quanto mais achamos que o poder do sexo nos domina mais nos queremos libertar. Mas libertamo-nos descobrindo a verdade do nosso sexo, que nos é dada de fora, por quem nos interpreta à sua própria luz.²⁷ Portanto, quanto mais nos queremos libertar mais nos afundamos nas malhas do poder. Não é por isso de estranhar, para Foucault que os segredos do sexo, a repressão do sexo, seja tão veiculada.

“O bom sexo será amanhã. ... Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; ligar entre si a iluminação, a libertação e volúpias multiplicadas; pronunciar um discurso em que se juntam o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida, mantém em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão.” (p.13)

Trata-se afinal de nos convencer de que precisamos de ajuda, de que precisamos que alguém nos diga a nossa verdade e nos liberte dos nossos males.

²⁷ Cf. pp. 73-74.

É claro que esta conclusão, apesar de estar baseada em factos históricos, tem mais de Epistemologia do que de História. Porque, se imaginarmos que, de facto, é o sexo que esconde a nossa verdade, e que a podemos descobrir através, por exemplo, da psicanálise, então, é claro que deitarmo-nos no divã e contar toda a nossa vida, até aos detalhes mais sórdidos, será um pequeno preço a pagar pela revelação de quem nós somos, do que pretendemos, de perceber quais são os nossos medos verdadeiros, as nossas aspirações mais profundas, de saber o que devemos esperar e como o podemos alcançar. Trata-se, na verdade, do mesmo tipo de raciocínio que poderíamos colocar ao valor da confissão na tradição cristã. Ele é certamente um meio de controlo. Isso todos reconhecem, mas será um (o) meio de salvação – para a libertação?²⁸

3.2. Proliferação dos discursos

Enquanto que a técnica da confissão continuará a ter um lugar central no séc. XVIII ela serve agora discursos proferidos por instituições e com objectivos muito diferentes. Assim ela ‘perdeu a sua localização ritual’ e as ‘motivações e efeitos que dela se esperavam diversificaram-se’.²⁹

“A confissão difundiu longe os seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na ordem mais quotidiana e nos ritos mais solenes.” p.63.

Mas há também muitas continuidades. Além da importância central do papel que a família continua a desempenhar, a nova técnica da sexualidade retoma

“métodos já formados pelo cristianismo: a sexualidade das crianças era já problematizada na pedagogia espiritual do cristianismo ... a medicina dos nervos e dos vapores, no séc. XVIII, retoma por sua vez o domínio de análise ... [d]os fenómenos da possessão ... as campanhas a propósito da natalidade deslocam, sob outra forma e a outro nível, o controlo das relações conjugais, cujo exame a penitência cristã empreendera com tanta obstinação.” (p.120)

As diferenças situam-se então a dois níveis. Por um lado ao nível do discurso. Em termos de conteúdos a sexualidade é formada a partir desta técnica que se aprofunda e

²⁸ Note-se que Foucault nunca argumenta que estas novas ‘ciências’ da sexualidade estão erradas, ele limita-se a assumi-lo como um facto evidente, por exemplo quando afirma em relação aos discursos sobre a sexualidade: “O seu fraco teor, nem sequer digo em cientificidade, mas em racionalidade elementar, colocam-nos [*sic*] à parte na história dos conhecimentos.” pp.58-59.

pormenoriza à volta de quatro pontos: a histerização da mulher, a criança onanista, o casal malthusiano e o estudo das perversões³⁰ e a forma da confissão é alterada de forma a adaptar-se, pelo menos superficialmente, às exigências do discurso científico instituído.³¹ Por outro lado, ao nível das instituições “a instituição do sexo vai, no essencial, ordenar-se a partir desse momento à instituição médica”.³²

E é através do desenvolvimento destes discursos que se vai criar tanto o que designamos por sexo como por sexualidade:

“O «sexo» será na realidade o ponto de fixação em que se baseiam as manifestações da «sexualidade» ou, antes, uma ideia complexa, historicamente formada no interior do dispositivo da sexualidade?” (p.154) “Não se deve imaginar uma instância autónoma do sexo, que produzisse secundariamente os efeitos múltiplos da sexualidade O sexo é, pelo contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal, e mais interior também, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza nos seus assaltos aos corpos, à materialidade destes, às suas forças, às suas energias; às suas sensações, aos seus prazeres.” (p.157)³³

3.3. Razões para a proliferação dos discursos

Talvez o mais surpreendente nesta apresentação de Foucault seja as razões que ele atribui a este movimento de proliferação dos discursos que temos vindo a desenhar. Trata-se, para Foucault, essencialmente de um ‘interesse público’:

“Não por uma curiosidade ou uma sensibilidade colectivas, não por uma mentalidade nova; mas por mecanismos de poder” (p.27)

Ora que razões tem Foucault para apresentar esta aparição dos discursos sobre o sexo como um *produto* de uma forma de poder? Afinal, pela sua própria definição de poder seríamos levados a pensar que seriam várias e complexas as razões que levaram ao aparecimento de toda uma nova teia de discursos. Que certamente não apareceu

²⁹ p.67.

³⁰ Cf. pp. 107-108.

³¹ Sobre as cinco características que o discurso da confissão passa agora a possuir ver pp. 69-71.

³² V. p.120. Refira-se não se trata de a instituição médica ser o único lugar em que se situam os discursos sobre o sexo, pelo contrário. Mas é daí que provém a sua autoridade. Cf. com citação anterior da p. 63.

³³ Sobre a relação entre sexo e sexualidade e o modo como Foucault a foi concebendo à medida que foi escrevendo *A Vontade de Saber*, ver a entrevista «Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps» in, *Dits et écrits*, vol. III, pp.234-235.

isolada mas foi acompanhada de outros discursos sobre o homem, a sua constituição, etc.

Talvez o paradoxo ‘de uma sociedade que fala prolixamente do seu próprio silêncio’ possa ser um sinal do papel que a ideia do sexo tem hoje como forma de controlo e de incitamento. E o aparecimento do dispositivo da sexualidade esteve certamente, tanto na pedagogia, como na medicina, como na justiça, ligado ao exercício de um poder, podemos até afirmar, com Foucault, em virtude da implantação e difusão de novas formas de sexualidade. Podíamos pensar que, mesmo que a ciência da sexualidade se tivesse formado a partir das sementes da curiosidade lançadas no terreno fértil da ciência do século XVIII, que ela se teria rapidamente tornado um instrumento do poder. Mas terá Foucault razões para afirmar que a *scientia sexualis* é fruto de mecanismos de poder?

Mesmo o facto da sexualidade se ter implantado primeiro na burguesia poderia ser facilmente explicado por outros factores (mais fácil acesso à cultura e às novidades). E, a necessidade de conciliar a ciência da sexualidade à força nos padrões da instituição científica parece ser comum, na época, a muitas outras teorias, que assim, procuravam atingir a ‘estrada segura da ciência’.

Note-se que não está aqui em causa se a confissão ou a medicina sexual representam ou não mecanismo de controlo; Foucault poderia, por exemplo, fazer derivar a criação de discursos que se tivessem tornado instrumentos de poder da tentativa de integrar a confissão nos esquemas da ciência, mas não é isso que vai argumentar, pelo contrário.

“A causalidade no indivíduo, o inconsciente do indivíduo, a verdade do indivíduo no outro que sabe, o saber nele do que não sabe por si próprio, tudo isso encontrou maneira de se desdobrar no discurso do sexo. Não, contudo, por virtude de uma qualquer propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder imanentes a esse discurso.”³⁴

Foucault chega mesmo a afirmar que, se não fosse este ‘interesse público’ pela confissão ela ‘teria ficado ligada ao destino da espiritualidade cristã ou à economia

³⁴ Op.cit.. p.74, o sublinhado é nosso.

dos prazeres individuais”. Parece então que esta é uma das partes mais frágeis do discurso de Foucault. De facto é difícil provar quais as motivações que serviam de impulso à criação de novos discursos e parece-nos mesmo pouco provável que elas possam ser explicadas, por exemplo, relativamente aos interesses de uma classe, mesmo que o seu poder de decisão e a sua influência fossem predominantes na altura.³⁵ Mas este é já um sinal de que o discurso de Foucault tenta ser, numa parte importante, também ele um discurso que visa um poder, ou melhor, uma certa forma de resistência.

3.4. Modificação dos objectivos do poder

Segundo Foucault assistimos no século XVIII a preocupações bastante diferentes e à aplicação de uma nova concepção do poder. O soberano já não é visto nem se vê a si próprio como detentor de uma força essencialmente de interdição. Foucault apresenta dois exemplos, o da pena de morte e o da guerra. Na concepção antiga do poder, baseada na aliança e no sangue, o soberano é visto como a figura do pai, que dá a vida aos filhos e tem portanto o direito de a tirar.³⁶ Sinal disto são as condições em que é legítimo ao soberano exercer violência sobre os seus súbditos, directa ou indirectamente (através da guerra), e, inclusivamente condená-los à morte. Em ambos os casos trata-se do exercício de um poder legítimo do soberano cuja função é vista como a de ‘fazer morrer ou deixar viver’ (p.138). A partir do séc. XVIII forma-se uma nova concepção de poder. O poder do soberano não é agora visto como algo que restringe mas está ‘destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las’ (p.139). Trata-se agora de um poder ‘de fazer viver ou rejeitar para a morte’ (p.140)³⁷

Surge assim o conceito de população (p.29-30), e toda uma nova ‘tecnologia de fiscalização’:

“a escola, a política do *habitat*, a higiene pública, as instituições de auxílio e de segurança, a medicação geral das populações”. (p.129)

³⁵ Pelo contrário julgamos existir uma certa tensão entre esta explicação de luta de classes dada por Foucault e a sua concepção de que ‘o poder vem de baixo’ (p.97) que analisaremos mais tarde.

³⁶ Cf. p.137.

³⁷ Apesar de, nos sistemas teóricos, Foucault cita o caso de Hobbes, o poder continuar a ser visto na sua faceta de interdição. Cf. pp.137-138.

Uma tecnologia que se dirige “ao corpo e à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, o seu vigor, a sua capacidade de dominar ou a sua aptidão para ser utilizada” p.149

Assim, tanto a pena de morte como a guerra têm de possuir uma justificação que esteja fundada na necessidade de proteger a vida. É por isso diz Foucault que os prisioneiros condenados à pena de morte são cada vez mais raros, ela torna-se, para o poder ‘o limite, o escândalo e a contradição’ (p.140). Da mesma forma as

“guerras já não se fazem em nome do soberano que é preciso defender; fazem-se em nome da existência de todos, erguem-se populações inteiras para se matarem umas às outras em nome da necessidade que têm de viver.” (p.139)

A parte mais frágil deste argumento parece ser a sua articulação com o tema da repressão. Porque, como Foucault reconhece, o aparecimento deste novo estilo de poder não invalida o anterior (baseado no sangue). Pelo contrário, há entre os dois uma contínua sobreposição.³⁸ O que é visível pelo surgimento dos programas da eugenia e do racismo e pela teoria da degenerescência e da psicanálise. Todos eles foram modos de assegurar que o novo dispositivo da sexualidade não destruísse o da aliança.³⁹ Se portanto a repressão está associada ao poder antigo é então plausível que ela se encontre ainda hoje entre nós.

³⁸ Cf. p.151.

³⁹ Cf. pp.121-122, 127-128, 149-152.

4. Poder

Como já dissemos Foucault, nesta obra, apresenta uma nova teoria do poder, em grande parte quase o reverso da que tinha apresentado nas suas obras anteriores (sobretudo na *História da Loucura*). Foucault apresenta a sua concepção de biopoder por contraposição à teoria tradicional de poder, que Foucault designa por concepção ‘jurídica’ do poder. Segundo a concepção jurídica, o poder é inteiramente negativo – ele nada pode ‘salvo dizer não’ (p.87) – age através da imposição de regras, de um discurso.

Em relação ao sexo o poder ofereceria uma alternativa em que ambos os pólos são negativos: ‘renuncia tu próprio sob risco de seres suprimido’ (p.88). Operaria segundo a lógica da censura ‘afirmar que aquilo não é permitido, impedir que aquilo seja dito, negar que aquilo exista’⁴⁰ e, finalmente, exercer-se-ia uniformemente em todos os níveis.

Interessa-nos aqui acentuar duas coisas: em primeiro lugar a crítica que Foucault faz a esta concepção de poder:

“apto apenas para pôr limites ... tal seria o paradoxo da sua eficácia: nada poder, a não ser fazer com que aquele que submete nada possa por sua vez, senão o que ele lhe deixa fazer” (p.89).

Em segundo lugar parece-nos importante salientar que Foucault considera que esta concepção do poder é veiculada pelo próprio poder, porque

“só se mascarar uma parte de si próprio é que o poder é tolerável ... aceitá-lo-iam se não vissem nele um simples limite posto ao seu desejo, deixando de pé uma parte intacta – ainda que reduzida – de liberdade?” (p.90)

Se Foucault estiver correcto segue-se que o poder é intolerável. E esta imagem que torna o poder tolerável (e que Foucault desmascara) é apresentada, a partir do domínio do jurídico, como se o poder estivesse ‘essencialmente centrado no imposto e na morte’ p.93. Ora o poder jurídico

⁴⁰ P.88. Note-se que é precisamente esta noção que está implícita no conceito de ‘anormal’ apresentado logo na p.10.

“é absolutamente heterogéneo aos novos processos de poder que funcionam não no direito, mas na técnica, não na lei, mas na normalização, não no castigo, mas no controlo, e que se exercem a níveis e por formas que ultrapassam o Estado e os seus aparelhos.” (p.93)

Ora, é para explicar estes novos processos de poder que se desenvolvem desde o séc. XVIII, e que estão associados a novos objectivos (de que falámos anteriormente), que Foucault vai explicitar uma nova concepção de poder:

“o poder não é uma instituição, e não é uma estrutura, não é um certo poder de que alguns seriam dotados – é o nome que se atribui a uma situação complexa numa determinada sociedade.” p. 96

Não é uma instituição porque se exerce ‘a partir de um sem número de pontos’; não é uma estrutura externa mas ‘imaneente’: simultaneamente o efeito e a ‘condição interna’ das relações no seio de uma estrutura; e não vem de alguns mas ‘vem de baixo’ resultado da articulação complexa das forças que percorrem o ‘conjunto do corpo social’ (p.97).

Desta concepção derivam-se duas consequências: que o poder é sempre intencional porque é o resultado da conjugação de tentativas de concretizar objectivos por parte de cada elemento da sociedade, mas o resultado da articulação de todos esses poderes escapa-se ao controlo dos seus criadores: “aí a lógica é ainda perfeitamente clara, as miras decifráveis e, contudo, acontece já não haver ninguém que as tenha concebido e muito poucas pessoas que as formulem” (p.98) Por outro lado segue-se que não há uma resistência ao poder mas vários adversários que se opõem através do contacto directo com ele. Os ‘pontos de resistência estão por toda a parte presentes’, e essas resistências não são ‘fruto de alguns princípios heterogéneos’ pelo contrário elas derivam do contacto com o poder:

“Elas são o outro termo, nas relações de poder; aí se inscrevem, como o irreductível frente a frente. Portanto, também elas são distribuídas de forma regular ... erguendo às vezes grupos ou indivíduos de maneira definitiva.” p.99

5. Repressão

Há várias passagens onde Foucault parece dizer que não há repressão nem houve repressão nas sociedades ocidentais. Pelo contrário, houve um grande incitamento a que se falasse do sexo. Duas das inúmeras passagens em que Foucault parece defender esta tese são:

“Em vez de ver neste homem singular [o autor de *My Secret Life*] o evadido corajoso de um «vitorianismo» que o sujeitava ao silêncio, eu seria tentado a pensar que, numa época em que dominavam instruções, aliás fortemente prolixas, de discrição e de pudor, ele foi o representante mais directo, e de certa forma mais ingénuo, de uma injunção plurissecular de falar do sexo. O acidente histórico seriam antes os pudores do «puritanismo vitoriano»; eles seriam, em todo o caso, uma peripécia, um requinte, um regresso táctico no grande processo de discursificação do sexo” (p.26)

Ou, por exemplo,

“A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras de vocabulário, bem poderiam não ser mais do que dispositivos secundários relativamente a essa grande sujeição: maneiras de a tornar moralmente aceitável e tecnicamente útil.” (p.25)

Pareceria portanto, por estas e outras passagens que à primeira questão que Foucault colocou à hipótese repressiva ‘a repressão do sexo será efectivamente uma evidência histórica?’ (p.15) se deveria responder: não. Afinal a ideia de que teria existido seria a consequência histórica de ‘reinterpretar todo o dispositivo de sexualidade em termos de repressão generalizada” (p.133)

No entanto há outras passagens onde Foucault parece afirmar que não irá pôr em causa a existência da repressão na sociedade actual ou dos últimos três séculos. Por exemplo:

“Entendamo-nos; não pretendo afirmar que o sexo não foi proibido, ou impedido, ou mascarado, ou menosprezado, desde a idade clássica; não afirmo sequer que o foi menos a partir desse momento do que antes. Não digo que a interdição do sexo é um logro; mas que é um logro fazer dela o elemento fundamental”. (p.17)

E de facto parece que Foucault tem razões para isso. Porque, de facto houve uma restrição do vocabulário e dos costumes e das práticas. Ele próprio o admite, que ‘entre pais e filhos ... ou educadores e alunos, senhores e criados’ se estabeleceram ‘regiões, se não de silêncio absoluto, pelo menos de tacto e descrição’ (p.22). E também podemos ‘apostar que ... o mestre-escola de Lapcourt ensinava aos pequenos aldeãos a dominarem a sua linguagem’ (p.35). E sabemos também que estes conselhos, pela sua articulação com o poder judicial, tinham um peso forte, como mostra a triste história do senhor Jouy.⁴¹

Todos nós sabemos o peso que tinha a virgindade, que se punha e põe na boca de filhos e pais. Os preconceitos que há em relação à nudez (nas praias e nos cinemas) e como todas essas restrições têm caído progressivamente. A contragosto do poder, diríamos talvez. E aqui Foucault, ao revelar, na história do poder ocidental esse dispositivo da aliança (baseado no sangue) que esteve na origem e está ainda hoje presente entre nós (baseado até no sexo), está a dar forças à tese de que pelo menos uma parte do poder estaria interessada em ‘reprimir’ o sexo. Não apenas em controlá-lo, em inculcá-lo em nós para nos controlar melhor, para aumentar um certo tipo de eficiência e prosperidade. Tratar-se-ia daquele poder interessado em *voltar* a uma sociedade dominada pelo sistema de alianças, em anular as novidades introduzidas pelo dispositivo da sexualidade; que vê no desenvolvimento actual da sociedade a degradação do homem, que não está preocupada com a raça mas apenas com os valores e com a salvação do espírito perante Deus.

Aliás, desenvolvendo Foucault o tema do poder como o faz, seria crível pensar que considerasse que não existe apenas uma mas várias direcções do poder, que, como ele não é algo simples e extrínseco à própria sociedade, sendo, pelo contrário, o conjunto da articulação complexa das forças de que cada indivíduo é uma fonte, seria então plausível pensar que não há apenas uma direcção de poder mas várias, e que umas procuram o incitamento e outras a repressão. Que isto parece ser efectivamente assim também é mostrado pelo trabalho de Foucault sobre a loucura onde o poder que aparece aí é indubitavelmente repressivo. Como conjugar então este poder repressivo com a onnipresença de um biopoder nos domínios da sexualidade? Talvez, como a

⁴¹ Cf. pp. 34-36.

passagem anterior sugere, seja sobretudo uma questão de ênfase, ou, como Foucault afirma agora

“Mas o postulado e partida que gostaria de manter o mais tempo possível, é que estes dispositivos de poder e de saber, de verdade e de prazeres, estes dispositivos tão diferentes da repressão, não são forçosamente derivados e secundários Trata-se então de tomar estes dispositivos a sério e de inverter a direcção da análise: em vez de partir de uma repressão geralmente admitida ... há que partir destes mecanismos positivos ... e procurar ver como se distribuem relativamente a eles os factos de interdição ou de ocultação que lhe estão ligados.”

Talvez então o que Foucault queira seja enfatizar as técnicas positivas e mais ‘inaceitáveis’⁴² do poder. Para mostrar, com esse ênfase, que não é falando do sexo que o libertamos e que, procurando libertá-lo, enredamo-nos mais nas suas malhas. Talvez Foucault pudesse até reconhecer a existência da repressão do sexo e só não o faça mais sistematicamente para não dar um valor positivo ao discurso que o tenta libertar. Talvez então, das três questões que Foucault coloca possamos responder ‘sim’ à primeira: De facto a repressão do sexo seria uma evidência histórica, mas, respondendo à segunda questão, ela não é o instrumento essencial da mecânica do poder. Pelo contrário, desempenha um papel inverso ao que mostra, pois é julgando-nos reprimidos que nos preocupamos com a sexualidade. Mais do que um mecanismo para a evitar a repressão é uma razão para falarmos dela:

“Aqueles que tinham perdido o privilégio exclusivo de se preocuparem com a sua sexualidade têm agora o privilégio de sentirem, mais do que os outros, o que a interdiz, e de possuírem o método que permite destruir o recalçamento. ... Assim se formou ... a crítica histórico-política da repressão sexual.” pp.132-133

Mas mesmo esta interpretação deixaria em aberto duas questões. Em primeiro lugar o facto de Foucault estar constantemente a fazer intervir a posição contrária: A hipótese repressiva aparece sistematicamente em cada um dos capítulos, e Foucault está sempre contra ela, afirmando que ela não é verdadeira, dando sempre mais e mais razões, e quando pensamos que está morta de vez, eis que volta a reaparecer no outro capítulo onde é novamente maltratada, e assim em todos os capítulos.

⁴² V. *supra* discussão sobre as razões que levavam à concepção jurídica do poder e à invisibilidade dos seus aspectos positivos, ponto 4.2.

O outro facto é que Foucault *realmente* não desmonta nem dissolve essas posições. Ele maltrata, mas, lido atentamente, não refuta. Encara as coisas noutra perspectiva, mais profunda, mais correcta. Ele não anula o golpe, dá-lhe outra direcção, volta-o a seu próprio favor. Uma das passagens mais significativas é aquela em que Foucault explica porque é que a face incitadora do poder se manteve durante tanto tempo escondida.

Foucault passa uma grande parte a falar do poder que não reprime mas incita, que não proíbe mas dissemina:

“gostaria de ... procurar as instâncias de produção discursiva ..., de produção de poder ..., de produção de saber Ora, uma primeira vista de olhos, feita deste ângulo, parece indicar que, desde o fim do século XVI, a «discursificação» do sexo, longe de sofrer um processo de restrição, foi, pelo contrário, submetida a um processo de incitamento crescente; que as técnicas de poder que se exercem sobre o sexo não obedeceram a um princípio de selecção rigorosa mas, pelo contrário, de disseminação e de implantação das sexualidades polimorfos, e que a vontade de saber não se deteve perante um tabu que não se devia destruir, mas se obstinou – através de muitos erros, sem dúvida – em constituir uma ciência da sexualidade.”

Estamos portanto perante um poder mais liberal, que nos dá mais possibilidades de concretizarmos os nossos desejos, que não se detém perante tabus para libertar a verdade à tanto amarrada? *É exactamente o oposto.*

“Que significa o aparecimento de todas estas sexualidades periféricas? O facto de elas terem aparecido em plena luz será um sinal de que a regra afrouxa? ... Em termos de repressão as coisas são ambíguas. Indulgência, se pensarmos que a severidade dos códigos a propósito dos delitos sexuais se atenuou consideravelmente no século XIX Mas astúcia suplementar da severidade, se pensarmos em todas as instâncias de fiscalização e em todos os mecanismos de vigilância utilizados pela pedagogia ou pela terapêutica.” p.44

Trata-se não de libertar mas de controlar melhor. Como vimos o poder não se limita a constringer as nossas vontades, essa é apenas a face visível pela qual ele é tolerado. Isto é, sempre que lemos uma passagem sobre a repressão descobrimos que não é a repressão, é algo pior que a repressão. No primeiro ponto do capítulo dois, Foucault mostra como o poder não se limita a reprimir-nos, ele cria-nos ‘maus’ (por

exemplo a criança masturbadora) para depois nos poder castigar e submeter. Ele não se limita a reprimir a sexualidade mas cria, pelo contrário 'linhas de penetração indefinidas.' (p.46) Ele cria a realidade que depois submete.

Haverá maior repressão do que nem deixar nascer a liberdade. Não se trata de podar as folhas que crescem para lá da horta, trata-se de modificar a alimentação da árvore de modo a não ser preciso podá-la, que ela própria se esforce por cortar os seus próprios ramos. Um dia mais tarde teremos a manipulação genética, talvez.

O segundo elemento que é deixado por explicar é que Foucault coloca, do lado da posição que antagónica, argumentos e expressões que parecem tirados daquilo que ele próprio defende, por exemplo, quando apresenta a posição adversa nas pp. 57-59

“[O] discurso sobre o sexo ... teria ocultado constantemente aquilo de que falava ... uma ciência subordinada, no essencial, aos imperativos de uma moral.... A pretexto de falar verdade, ateuva medos por toda a parte Em nome de uma urgência biológica histórica, justificava os racismos de Estado... [a coberto de uma caução científica] os obstáculos morais, as opções económicas ou políticas, os medos tradicionais se podiam reescrever num vocabulário de consonância científica. Tudo se passaria como se uma resistência fundamental se opusesse a que fosse proferido sobre o sexo humano, as suas correlações e os seus efeitos, um discurso de forma racional.” (pp.57-9)

Ora todos estes temas são centrais ao discurso de Foucault. Ele parece mover-se entre dois pólos opostos quando na verdade se trata quase da mesma posição porque mais uma vez a resposta de Foucault não desmente a suposta antítese – pelo contrário, a sua resposta não poderia ser mais protectora:

“recusa de ver e ouvir; mas – e este é sem dúvida o ponto essencial – recusa que incidia justamente naquilo que se fazia surgir Não querer reconhecer é ainda uma peripécia da vontade de verdade.” pp.59-60

Ou seja, Foucault admite que há uma recusa em reconhecer, afirmando mais tarde que a verdade sobre o sexo é fruto de 'um imenso aparelho de produzir a verdade, pronto a mascarar-la no último momento.' (p.61). Ou seja admite o ponto que apoia e constitui toda a acusação de falta de racionalidade dos discursos sobre o sexo. O que Foucault acrescenta é que *isso não é importante, o que é importante é o mecanismo*

de conhecer a verdade, ou seja, é que se tenha tentado (e conseguido) atribuir o carácter de verdade aos discursos sobre o sexo.

Foucault não se preocupa em defender a legitimidade dos resultados mas apenas em apontar as pretensões de que foram alvo, a autoridade que lhe foi permitida. Parecendo estar a responder a uma crítica ele está na verdade a intensificá-la, a mostrar porque é que ela não é reconhecida hoje universalmente; se a cientificidade é a pretensão, o objectivo, ela não o resultado, Foucault não pode deixar de a apresentar como uma máscara; e, inevitavelmente, não deixa espaço para que, reconhecendo a máscara, não se reconheça o rosto (do poder) por trás dela.

Perguntaram numa entrevista⁴³ a Foucault porque se punha ele tantas vezes sobre ataque. A nossa resposta é que de facto ele não se põe. São sempre as suas teses que ouvimos, ditas pelas vozes de interlocutores diferentes. Podemos concordar ou discordar de Foucault, mas o seu discurso encerra-nos entre dois pólos, que são afinal o mesmo: ou somos reprimidos no sexo ou controlados por ele – ou seja, aceitamos uma ideia da sexualidade que não é a nossa, que foi fabricada para nos possuir, para nos tornar previsíveis em face dos outros, para nos tornar elementos controláveis e adaptados a um sistema social. Esta é uma obra que também procura o poder. Qual é então o objectivo de Foucault, a sua tese principal?

A nossa ‘tese’ é portanto que a luta de Foucault não é tanto contra a hipótese repressiva. Não se trata de negar que a repressão, entendida não como imposição estéril de uma lei, mas como forma de controlo próximo e eficaz, não tenha sido efectivamente o essencial da mecânica de poder. Quanto muito poder-se-ia negar os modos de operação mais visíveis e estéreis dessa repressão. Visíveis e estéreis porque o poder, como Foucault afirma, para se exercer, tem de ser invisível: “O segredo não é para ele da ordem do abuso; é indispensável ao seu funcionamento” (p.90).

Portanto, a resposta à segunda questão que Foucault propõe seria um pouco ambígua. Se considerássemos que ‘repressão’ significa os modos abertos e ostensivos de rejeitar do domínio da decência certos comportamentos sexuais, então certamente que ela não foi o principal método de poder. Mas se a repressão for entendida no seu sentido mais literal, como restrição, como ‘severidade’ (p.44), então dificilmente

⁴³ Ref.

poderemos responder não à segunda questão, até objectivo implícito da obra que parece ser, tanto como a História da Loucura ou Vigiar e Punir, libertar-nos de uma forma de controlo cuja razão principal de eficácia reside na sua invisibilidade; substituir a libertação da repressão do sexo pela libertação da ideia do sexo:

“[a possibilidade do êxito da] crítica histórico-política da repressão sexual ... estava ligada ao facto de se desenvolver sempre no dispositivo da sexualidade, e não fora dele ou contra ele ... compreende-se igualmente porque é que não se podia pedir a essa crítica que servisse de grelha para uma história deste mesmo dispositivo. Nem que fosse o princípio de um movimento para o dismantelar.” p.133

“É da instância do sexo que precisamos de nos libertar se, por uma viragem táctica dos diversos mecanismos da sexualidade, pretendermos utilizar contra os ataques do poder, os corpos, os prazeres. Os saberes, na sua multiplicidade e na sua possibilidade de resistência. Contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres.” p. 159

Índice

1. INTRODUÇÃO	2
2. PLANO DA OBRA.....	4
3. ANÁLISE HISTÓRICA	8
3.1. A CONFISSÃO	9
3.2. PROLIFERAÇÃO DOS DISCURSOS.....	11
3.3. RAZÕES PARA A PROLIFERAÇÃO DOS DISCURSOS	12
3.4. MODIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS DO PODER.....	14
4. PODER.....	16
5. REPRESSÃO	18